

QUINTA-FEIRA
Lisboa--24 de Abril--de 1930

5 **TOES**
SEMPRE
FIXE
205

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

D. ANTONIO ALVITO



O mais madrugador dos directores da Sociedade de Belas-Artes. Ao romper de alva irrompe Alvito pela direcção. Almôça expediente, janta actas, ceta estatutos. Nobreza heráldica e de character, além do «Dom» do nome, possui raros dons de gentileza. É o embaixador das belas manelzas no Palacio das Belas-Artes.



Os ditos da semana



Boa-Hora Antiguamente não estava nada ir à Boa-Hora. Bastava atirar uma pedra ao vidro duma montanha, roubar uma carteira, descompôr uma senhora visinha ou fazer uma careta a um polícia.

Depois veio o progresso. Os meios de transporte multiplicaram-se e os carros eléctricos começaram a meter-se por becos e travessas, como folho em costura.

A certa altura surgiram carros com uma bandeira no topo. — Boa-Hora.

— Ah! fez a população alfacinha que em geral só conhece de Lisboa, a rua onde mora — agora ter bem ha carros para a Boa-Hora.

E os carros continuaram girando e a população continuou a viver "naquele engano d'alma ledo e cego" que não lhe permite conhecer a terra onde vive senão numa circunferencia de duzentos metros em volta da sua propria casa.

Mas um dia todos os dias o caso se dá — ha necessidade de ir à Boa-Hora tratar dum inventario, pedir um certificado de registo criminal, etc. O cidadão alfacinha, e muito especialmente a cidadã lisboeta, dirige-se ao Rocio e põe-se à espera dum carro para a Boa-Hora, até que, em má hora, aparece o almejado carro. A dama instala-se e pede um bilhete para a Boa-Hora.

Começa o carro a andar e a dama a seismar no tempo que levará para chegar ao seu destino.

Ai por alturas de Santos, porque lhe disseram que a Boa-Hora é muito perto, interpela o conductor:

Ainda falta muito para chegar a Boa-Hora?

— Boa vai ela, responde-lhe o conductor, ainda agora se vai em Santos.

E o carro continua a andar e a dama continua a pensar que a Boa-Hora é muito mais longe do que lhe disseram.

E ao chegar ao alto de S. Amaro, já muito aborrecida com o trajecto, inquire novamente.

— O sr. conductor, ainda falta muito para chegar a Boa-Hora?

— Não rainha senhora isto agora é um *frofe*.

— E o tribunal é mesmo lá no fim da linha?

— *Cais* tribunal. O da Boa-Hora? Esse é mesmo no fim da linha, mas é lá na outra ponta, ao pé do Rocio, onde a senhora tomou o carro.

Bah!

Uma desilusão e oitenta e cinco centavos a voar!...

Quando ha destes lamentáveis enganos, a Boa-Hora fica sempre muito longe.

Só ha um exemplo em contrario.

É o daquele cidadão-carroceiro que quando deu pelo engano, começou a descompôr o conductor, o guarda-freio e os directores da Companhia. Palavra puxa palavra e às vezes tambem puxa murro.

O cidadão carroceiro, vendo que tinha perdido o tempo e o dinheiro resolveu perder mais alguma coisa: perdeu a

cabeça e deu dois estalos no conductor. D'ali a um instante estava na Boa-Hora.

Semana santa Foi uma linda semana, uma autentica semana santa, a semana passada. Um tempo delicioso e deliciosas mulheres na rua. Bastavam certos palminhos de cara e certos metros de perna que passaram no Chiado para crucificar a gente na cruz dos nossos pecados, não por obras, mas por pensamentos e que tambem é pecado.

Cristo ressuscitou, mas nós continuamos mortos de saudades.

Gandhi Gandhi continua a dar que fazer na India. Prega e doba linhas, naturalmente porque ha certa correlação entre um novelo e a ancia de liberdade. Quando mais não seja deve haver entre as duas coisas este ponto de contacto: aquele novelo que se sente na garganta quando se veem frustrados os nossos desejos.

Em todo o caso é um novelo que Gandhi doba e o governo inglez lhe ha-de custar a desdobrar.

Uma explicação O sr. Jeronimo M. S. Paiva escreve-nos uma carta lamentando os termos em que nos referimos aos seus livros «Do Alto Alentejo» e «Cartas Cruéis».

Vamos dar-lhe uma explicação com todo o prazer.

Onde o sr. Jeronimo M. S. Paiva viu uma referencia desprimorosa não havia mais do que um pretexto para talar na sua obra.

O *Sempre Five* é um jornal humorístico, o que parece ter passado despercebido, ao sr. Jeronimo M. S. Paiva, e não pode expressar-se como se fosse o *Diário do Governo*.

Isto é um jornal alegre que não faz nem desluz reputações, ao contrario das «Cartas Cruéis» do sr. Jeronimo M. S. Paiva que são cruéis a valer.

Longe de nós a ideia de molestar o sr. Jeronimo M. S. Paiva.

Anuncios Tinha-nos passado o seguinte anuncio do D. de N. que um assiduo leitor nos enviou.

Senhora

DE familia. 21 anos, pobre, honesta no ponto de não ter em sua vida o vislumbre dum acto desprimoroso, desparia correspondente com pecca de bem, com meios. Carta a este jornal ao n.º 109.

É consolador ver que uma senhora de 21 anos não tem na sua vida o vislumbre dum acto desprimoroso. Que honra para a familia.

Mas o comentario do nosso solícito "assiduo leitor" é que dá no vinte. Resa assim:

«Presumo que se presta ao distrute esta senhora "que não tem na sua vida o vislumbre dum acto desprimoroso" mas que parece procura-lo.»

Tem razão. Procura-o com meios, que é uma coisa que nem toda a gente sabe fazer.



— Sabes o que é andar de automovel, depois do quilometro de arranque? — Estou habituado. Quando não apinho o ultimo carro vou sempre de taxi...



O illustre pianista Viana da Mota a quem o governo condecorou com a gran-cruz da Ordem de Cristo recompensa justa aos excepcionaes meritos do grande artista portuguez.



— Já del 5 tostões mas não me entendo com isto. Fala tu por este canudo.

— Não te importes, homem, que daqui a pouco temos o *alto mánico*.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

ESTREARAM-SE mais duas companhias de revista. Com as que estavam a funcionar, ficam existindo mais de dez. Abandonamos revistas a mais. Por outro lado, vai dissolver-se uma de declamação e que já contava bastantes anos de existência. O teatro dramático está passando um mau quarto de hora... Há dias bonos numa secção teatral!

bandeirados pelo teatro... Por cá não andam fão à solta...

No sábado de Alentejo, estrearam-se em Lisboa duas companhias estranhas e partiram para a provincia as companhias Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

AINDA ficam em Lisboa a companhia de Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

Estão a trabalhar em Lisboa as companhias de Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

Estão a trabalhar em Lisboa as companhias de Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

Estão a trabalhar em Lisboa as companhias de Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

Estão a trabalhar em Lisboa as companhias de Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

ESTAO actualmente fora de Lisboa, que nos lembre, as seguintes companhias teatraes:

- Adelina-Aura Abranches.
- Berta e Bivar-Alves da Cunha.
- Jesuina-Cruzeiro Pinheiro.
- Maria Maria-Mendonça de Carvalho.
- Helder-Silva-Alexandre de Azevedo.
- Helder-Silva-Clemente Pinto.
- Helder-Silva-Clemente Pinto.
- Helder-Silva-Clemente Pinto.

Actualmente encontram-se em Lisboa as seguintes companhias teatraes: Berta e Bivar-Alves da Cunha, Maria Maria-Mendonça de Carvalho e Helder-Silva-Clemente-Pinto.

O Helder-Silva-Clemente-Pinto.

COSTA FERREIRA



O SIMPATICO SECRETARIO DA COMPANHIA JUCILIA-ERICO QUE NA QUINTA-FEIRA, REALIZA A SUA FESTA ANUAL NO THEATRO DO GIMNASIO COM UM PROGRAMA ATRAENTE — COMO ATRAENTE E' O ESTIMADO BRACO DIREITO DO «PRIMEIRO EMPREZARIO DO MUNDO».



Don Pepe Olé-Loureiro e uma das «primeirissimas» «tipies» da companhia de Zarzuela que trouxe ao Triunfo

A CASACA

O Ghira e o José David...
— «Caramba! Fiz agora a descoberta duma casaca, d'alto lá com elal...»
— «Bem sei... — responde aquele amedrontado. Também o Gama descobriu a India, e não a trouxe comalgo!...»

— «Quê?... — avança o Ghira, embaçado...
— «Seja como quizeres mas, entao, só se tu me emprestares a casaca...»
— «O quê?... — avança o Ghira, embaçado...
— «Homem... — volve o José, de boca aberta, fingindo, como actor, um grande pasmo: — A minha descoberta!...
— «Mas a que vem agora o teu sarcasmo? Sim, — a verdade é a Verdade, e alinda-a a nudef das palavras que te digo...»

AO menos, valha-lhes o arrependimento...
— «Casas á cunha. Camarotes cheifinhos, engrinaldadas de moçoilas garridas, sorridentes, frimas circunspéctas: selo da arte pela arte; platinas embandeiradas de valores; tantas noites de arte em festa, quantos os serenos prodigalizados pelo génio de C.»

As fitas sonoras que primeiro se exibiram em Lisboa ambas tinham a palavra branco em título...
— Sairam brancas as duas primeiras fitas sonoras — diz nos am crimentados.

TREZ peças verdes deram já, esta época, a alma ao creador: As manas, a pluma e a canilinha...
Que a terra lhes seja leve!

UM jornal do Funchal descreve por estas palavras o successo do actor C. P. naquela cidade:

Os valores na ilha andam em...

Já recebeste, até, um vale para a compra desse achado. SILVA TAVARES.

Elevador da Gloria

No quartel:
O cabo Pimenta, cuja ortografia é vacilante, acha-se a contas com uma lição de dictado.

O professor: — Veja o que escreve! Apostole com dois pp! Corte-me um deles, quanto antes!

O cabo Pimenta, muito perplexo: — Qual? O de traz ou o de deante?

Na Avenida:

— Adeus, meu amigo, dá cá um abraço. Parto amanhã para a Africa e naturalmente não me tornas a ver.

— Hein?! Então empresta cá vinte mil reis.

Ditad de contentar:

— Esta moeda de dois tostões não é boa! disse o enxeiro, batendo com a moeda no balcão.

— Ora adeus! replicou o freguês. — O que é que o senhor quer por dois tostões? Um solo de opéra com acompanhamento de orquestra?

Um sapatinho novo: — Já nunca vou á igreja. Deve ter reparado nisso, sr. prior?

O prior, com seriedade: — Já o notei, realmente.

O paroquiano: — Suponho que se admira que eu nunca vá á igreja, não é verdade? Olhe, eu lhe digo porque. Vão lá tantos lupocritas!

O prior, com um sorriso: — Ah! lá por esse motivo não deixe de ir. Há sempre um táxi para mais um.

Dois cavalheiros conversavam muito animadamente numa sala, em pleno baile, onde se encontravam pela primeira vez.

— Há sempre maneiras de vir a um baile sem ser convidado — dizia um. — Eu, por exemplo, aqui esteu sem convite algum, comendo e bebendo regaladamente!

— Também eu — responde-lhe o outro.

— Sim?! Então como arranjou você isso?

— E' que eu sou o dono da casa!...

Direito por linhas tortas

Noticiamos, no ultimo numero, o successo retumbantissimo — trinta e sete edições do *Fixe* arranca-das das mãos dos simpaticos *arai-nas*... — das anedotas que, sobre a Faculdade de Direito da mui nobre Universidade de Lisboa, nesta secção vimos contando. Hoje, apresentando-lhe nossa respeitosa homenagem, agradecemos ao Prof. V. da R. a galhardia com que, em pleno curso, a elas se referiu. S. Ex.^a, que é uma *rocha* desassombrada, de antes quebrar que torcer, deu assim mais uma prova de sua nunca desmentida superioridade moral e mental. Muito e muito obrigados!

E agora, para terminar esta secção, mais duas ou tres anedotas.

I

Cadeira de «Direito Civil». O professor, pausadamente:

— Que são filhos legítimos?

O aluno, rapido, a cento e setenta quilometros á hora:

— Os que nascem dentro de cento e setenta dias!...

II

Exame de «Direito Romano». O *leu'te*, devaga, vai interrogando...

E o aluno, com a *sebenta* aberta, vai lendo, papagueando:

— Roma é realmente a patria do Direito, e entre os romanos nenhuma manifestação de intelligencia atingiu o brilho da sciencia juridica...

O *leu'te* está satisfeito... O alu-

no está «passado»... Os espectadores sorriem... Mas entra na sala um outro *leu'te*... E o aluno, num ápice, acordando o presidente:

— V. ex.^a dá-me licença que desista?...

Espanto... E o examinando, soberbamente, apontando o *leu'te* recémchegado:

— Estou incompatibilizado com esse senhor!...

III

Cadeira de «Direito Civil». O professor, compondo as lunetas:

— O senhor concorda com as liberdades ultimamente concedidas as mulheres?...

E o aluno, um aluno que, por sinal, é um medico, um professor e um jornalista bastante conhecido:

— Pois concordo! Se até os arabes preterem as eguas para atravessar o deserto!...

IV

Ca fora, num dos corredores, um grupo de alunos «faz azeite»... Entra um sujeito alto e elegante que, sem cerimonia, vai abrindo caminho... Um dos alunos, sentindo uma mão a empurra-lo:

— Quem é este que está a empurrar-me?...

E o sujeito alto, alto e elegante, correndo com nobresa e diplomacia:

— Este é o professor!...

DR. ARVASDECAR.

Graça dos outros

Entre colegas:
— Que é feito daquela dactilografista tão bonita que estava cá no escritorio?

— Fugiu com cinquenta contos!

— E o chefe não fez queixa á policia?

— Não, porque ella levou-o tambem...

Depois do desastre:

O «chauffeur»: — Foi de proposito! Eu tinha direito de passar primeiro com o meu carro!

A *testemunha*: — Sim, mas o outro era um *canton* de força...

O pai: — Se queres crescer tens que comer muito!

O filho: — Eu não quero crescer, quero ser *jockey*!

Num antiquario:

— Advirto-o que é uma boa occasiao! Trata-se dum verdadeiro Rembrandt!

— Não discuto a autenticidade! O pior é que a pintura ainda está fresca...

— O enterro foi verdadeiramente sumptuoso!

— Sim! Há pessoas que ainda sabem viver...

No restaurant:

O *freguês*: — Speak english?

O *creado*: — Oh! yes!

O *primeiro*: — Então fraga-me uma costeleta com batatas fritas...

Em frente do mar:

— Que te parece se todo este mar fosse vinho?

— Que não sei onde es taberneiros iram buscar agua para lhe deitar...

Ela: — Doutor, sinto-me pesada. Não me posso mover, nem andar. Que me recomenda que tome?

Ele: — Tome um taxi!...

A revista do Avenida





Não sei a maneira de evitar que minha mulher compre tantas luvas...

— Compre-lhe um anel de brilhantes.

Cronica dos tribunales

No Tribunal dos Pequenos Delitos. O juiz interroga uma testemunha, que todas as vezes que se referia a um assunto para acusar o réu, acrescentava: «Eu não vi; só sei por ouvir dizer».

— Já foi vê Paris?

— Tenho ouvido dizer que é muito bonito, mas ainda lá não fui!

— Mas sabe que Paris existe?

— Tenho ouvido dizer que sim... Mas como ainda o não vi...

Num tribunal da cidade de Cardiff foi há dias chamada a justiça a pronunciar-se sobre uma acção de paternidade que teve uma repercussão extraordinária em toda a cidade.

Há meses que uma senhora intentou uma acção sobre o reconhecimento de paternidade de um filho natural seu, contra um empregado do Borshiro. A senhora em questão afirmava que o filho era seu e do homem contra quem interpuzera a referida acção de reconhecimento de paternidade.

No dia do julgamento, a mãe da criança apresentou aos juizes as cartas que o suposto pai de seu filho lhe havia escrito, nas quais declarava que as suas intenções eram as mais honestas e cavalheirescas e que na primeira oportunidade casaria com ela.

Interrogado o demandado se era de facto o autor das referidas cartas, declarou que sim e que de facto estava disposto a casar-se e a reconhecer o filho. Mas que, suspeitando depois que o filho não era seu, resolvera o contrario.

O juiz, sr. Francis Williams, perguntou:

— O que se passou no seu espirito para que o senhor mudasse tão repentinamente de opiniao?

— Basta olhar para a criança para verificar que ela não é meu filho! — riposteou o suposto pai, com a maior calma.

Em face desta resposta, o magistrado determinou que a criança fosse chamada a presença do tribunal. Vinda a criança ao exame do magistrado, foi o bastante para ele e o publico darem inteira razão ao suposto pai.

A criança tinha a cara da mais pura cor negra e a cabeça coberta de carapinha.

Tratar-se-ha dum caso de atavismo ou das suspeitas dum pai branco a quem querem dar um filho negro?...

O musico Silvestre

— Essa historia é engraçada, mas eu sei uma melhor, que revela mais audacia e tem a vantagem de ter sido verdadeira.

— As coisas verdadeiras não tem graça nenhuma. Vamos lá ouvir, comtudo, a tua historia...

Esta conversa passava-se no comboio. Cada um chegou-se mais para o outro, e um dos «outros» recomeçou:

— O Silvestre não tinha talento, nem reputação, nem credito, nem vergonha, e apesar disso, não tinha cinco réis. Estava desempregado, o que não o apouquentava. O que o ralava era não ter dinheiro. Também succede o contrario. O Silvestre, porém, lia os anuncios todos os dias. E deparou este: «Mestre de musica, precisa-se para a vila de Alvernoz, que tenha pratica e tenha sido, pelo menos, autor de uma peça musical premiada na Exposição de Sevilha».

— Isso cheira-me a «aldrabice»...

— Não é. Silvestre escreveu para Alvernoz, dizendo estar nas condições e ser o autor da opera «Tosca». Foi convidado a apresentar-se e mandaram-lhe dinheiro para a viagem. Apareceu na vila e foi recebido com carinho. Um socio do «Club das Gaivotas do Shoot Inglês» conheceu-o e disse-lhe: «Tu, mestre de musica?» E abriu a boca. «Cala-te. Depois te conto. Não perdes nada com isso. Trata de espalhar que eu sou um grande regente de orquestra».

— Isso pode ter sucedido.

— Succedeu. Em presença da filharmonica, Silvestre, que dera uma boa queda, não se sabe se propostada, a saída do comboio, e que trazia o braço ao peito, pediu ao mais categorizado dos executantes — o do saxofone — que regesse por ele. A vêr o que davam os musicos. Esplendido. O do saxofone regia razoavelmente. O cornetim era de primeira. «É preciso mais força nos metais. Mas temos aqui uma grande filharmonica!»

Indicou peças do moderno repertorio, assinou com dificuldade de movimentos o contrato de mestre da musica, um conto por mês e roupa lavada, e fez-se requestar por uma moçoila, rica de teres paternos.

Um dia anunciou:

— A nossa filharmonica vai a Lisboa, ás festas da cidade. Vai ganhar o premio. Se eu ainda não puder reger, rege o meu ajudante. Não quero tirar as honras a terra de Alvernoz.

A banda foi a Lisboa e o jornal da terra, dirigido pelo socio do «Club das Gaivotas», publicou-lhe o retrato.

Desembarcou no Rossio, á frente da banda, com o braço ao peito. O do saxofone fazia as suas vezes. Fardado, Silvestre parecia o maestro Fão.

— Olha o Silvestre!

— O Silvestre, mesmo!

— Viva o pandego do Silvestre!

Os musicos admiraram a popularidade do Silvestre. A banda ganhou, por injustiça, o ultimo premio, mas Silvestre, com os jornais á vista com a respectiva fotografia da filharmonica, voltou á vila de Alvernoz, foi eleito presidente da Sociedade e casou rico com a citada moçoila, que gostava muito de musica.

Passou-se nisto um ano e meio. Silvestre continuava a pedir que «carregassem nos metais», e, por condescendencia superior, deixava que o do saxofone regesse.

Um belo dia, porém, fez as malas com a mulher, vendeu umas terras de trigo e anunciou tardamente:

— Vou para a capital. Fui lá chamado. Demoro-me três meses. Na volta, trago contratos para a filharmonica ir tocar ao Parque do Estoril. Entretanto, adiantem-me três meses do meu ganho de mestre de musica.

Assim succedeu. A despedida compareceu toda a gente de Alvernoz, a banda tocando a «Tosca», e o amigo do «Club das Gaivotas», que propôs que Silvestre fosse nomeado cidadão da vila.

Chegado a Lisboa, Silvestre passou a fazer uma vida regalada, devolveu a mulher para a terra e, passados os três meses, enviou para Alvernoz o seguinte telegrama: «Peço que me deem dispensa durante vinte e cinco anos. Vou fazer concurso para professor do Conservatorio».

A resposta veio nestes termos: «Alvernoz sumamente honrada. Pedimos envie seu retrato de tamanho natural. — Presidente da Camara».

— Mas esta historia é uma autentica patranha. Assim não vale...

— É inventada? Tu é que encontras hoje o Silvestre e não o conheces. Pois deixa estar que ainda te hei de contar outra historia, ainda mais verdadeira: «O homem que vendeu o carro electrico». Mas esta fica para a outra vez...

D. LUCAS.



— Porque será que ela vem toda pineca para pedir esmola?

— É que assim chamam-lhe pobreza... envergonhada.

O urso do Jardim

Infelizmente era assim. Apesar de numerosos esforços, Georges White não conseguia emprego. A crise que, de há muitos anos, assobria a velha Inglaterra não permitia que ele arranjasse uma colocação. Fez esforços sobre esforços; ofereceu-se para os empregos mais baixos e, todavia, nada conseguiu.

Um dia, andava Georges White a passear aborrecidissimo da sua vida, quando um acaso lhe fez saber que no Jardim Zoologico de Londres tinha morrido um urso que era o maior encanto dos visitantes e o maior rendimento do Jardim. E teve uma ideia. Dirigiu-se ao Jardim Zoologico. Pediu para falar a um dos directores.

— Diga o que quere...

— Como você sabe, não ha facilidade de a gente arranjar um emprego. Ando assim, e como eu muitos — ha cerca de seis meses. A verdade é que preciso de trabalhar para comer...

— Mas eu não tenho lugar nenhum para si...

— Parece-lhe! O senhor vai ouvir. Morreu o urso, não é verdade?

— E... E depois?...

— Como era um animal que trazia grande numero de visitantes ao Jardim, não convém dizer que ele morreu.

— Sim... E depois...

— Os senhores dão-me meia libra por dia e eu... visto a pele do animal e faço tudo quanto ele fazia.

Depois de grande discussão, ficou assente que Georges White desse entrada na jaula armado em urso.

Largos dias assim andou, dando saltos, agarrando-se as grades, fazendo, enfim, mil e uma habilidades proprias dos ursos.

Um dia, porém, quiz a fatalidade que o falso urso, dando um salto maior, atravessasse a divisoria, indo cair na jaula do leão...

O leão olhou furioso. O urso sentiu um terror enorme e começou a recuar, a recuar, até ficar encostado as grades, enquanto que o leão, deitando uns olhares ferozes, avançava para ele...

Vocês estão a vêr o pobre do rapaz. Suspeitam-se em situação igual e dizem-me se ha martirio maior do que ver um leão na nossa frente e estar na expectativa de ser engulido pela fera.

Pois era justamente a situação do urso que, sem recurso algum de fugir, sem maneira de se salvar, resolveu chamar sobre si a atenção. E, aterrorizado, começou a gritar com quantos pulmões tinha:

— «Oh! da guarda! Oh! da guarda! Oh! da guarda!»...

E o leão avançava para ele.

— «Oh! da guarda!... Oh! da guarda!»...

E o leão, continuando a avançar, gritou:

— É pá!... Não faças barulho, olha que eu tambem não tinha emprego!



Não me siga, por favor, Meu marido é muito ciumento!

— Tem graça! Minha mulher tambem.

KINO

SEMANARIO DE CINEMATOGRAFIA



Ainda não fizeram a sua aparição. Por ora só vimos e ouvimos fitas semi-faladas, isto é, muito melindas consigo, dando só de vez em quando um arzinho da sua graça, lá para os lados da Graça ou então ali nas Portas de Santo António, com o Diabo Branco... Diz o Alvaro que, apesar da sua alvinitente lisura — saíram mancas. Mas quanto a nós, o caso cada vez está mais escuro. O negro da Royal tem desabrochado comido um solinho amarelado nos lábios dos deuses sem reclamo e pedindo a cada dia de Milhas que se venha com a tranfifidada da sua língua. E passado a barba da sua língua, o velho pedidinho e a língua do cinema, pedidinho e a língua do cinema, pedidinho e a língua do cinema, pedidinho e a língua do cinema...

Depois de sentado, preparo-me para fazer um cigarro, mas não consigo, porque isto sucede sempre, qual barboleta, pois a meu lado um parceiro de excessiva obesidade que abre as azas e começa a soletrar o jornal. Uma menina no banco da frente olha-me com curiosidade, mas a mamã, recen-

Depois de sentado, preparo-me para fazer um cigarro, mas não consigo, porque isto sucede sempre, qual barboleta, pois a meu lado um parceiro de excessiva obesidade que abre as azas e começa a soletrar o jornal. Uma menina no banco da frente olha-me com curiosidade, mas a mamã, recen-

Depois de sentado, preparo-me para fazer um cigarro, mas não consigo, porque isto sucede sempre, qual barboleta, pois a meu lado um parceiro de excessiva obesidade que abre as azas e começa a soletrar o jornal. Uma menina no banco da frente olha-me com curiosidade, mas a mamã, recen-

Depois de sentado, preparo-me para fazer um cigarro, mas não consigo, porque isto sucede sempre, qual barboleta, pois a meu lado um parceiro de excessiva obesidade que abre as azas e começa a soletrar o jornal. Uma menina no banco da frente olha-me com curiosidade, mas a mamã, recen-

DE TARDADOR.

IMPRESSÕES ROCIO-GRAÇA

O que o leitor vai ler não é a impressão dum dia, mas sim a impressão... de todos os dias! É uma crónica sobre um assunto tão crónico que até parece uma bronquite. Uma bronquite assucarada, com manchas cor de rosa, estilizada e morbida, florida mas inodora, como descreveria o nosso confrade sr. Antonio Ferro, se tivesse entrevistado o Seia da Persia...

Como herdeiro duma alta intelligencia jamais igualavel, intelligencia que, diga-se de passagem, é genealógicamente prehistorica, quando dou entrada para um electrico da carreira da Graça, faço-o sempre pela plataforma da rectaguarda e não pela da frente, saltando a janela. Nunca me sento ao lado duma senhora, embora com o melhor dos desejos descesse que alguma se sentasse ao meu lado. Sou assinante da Companhia Carris e, como o bilhete deve saber, o requisito indispensavel para chegar ao elevado e não é ser possuidor do diploma da Pedagogia, pois eu o contemplo ao ser esta junto a não me chegar ao elevado, como também a apertar com um condutor pelas trombas, com licença de Vossa Excelência.

O condutor ha que, não só mandam certo peso, como também são mestres no Jogo do Alcate, com acompanhamento da musica do Manuel da Incivilidade, quando sempre tocada a metro. Foi até devido a tal que os francezes adoptaram o «metro», que é um bicho que mede algumas centenas de metros...

Depois de sentado, preparo-me para fazer um cigarro, mas não consigo, porque isto sucede sempre, qual barboleta, pois a meu lado um parceiro de excessiva obesidade que abre as azas e começa a soletrar o jornal. Uma menina no banco da frente olha-me com curiosidade, mas a mamã, recen-

mente premiada num concurso de «futuras sogras açaimadas», pisa-lhe um calo ao ver num dos meus dedos a fatidica aliança do matrimonio. Um dia deitou-a ao Tejo...

Entra um «ardina» com o Sempre Fixe. O condutor, com a sua proverbial delicadeza, dá-lhe rebuçados, faz-lhe uma festinha na cara e, para complemento, pespegalha um formidavel pontapé na perturbancia trazeira... Comentarão do garoto: «Deixa estar, meu estica maldito que s'um dia l'apanho cá fora d'esse pastel de nata parto-te a pinha e obrigo-te a limber sabão!»

O condutor bifa e, como a conversa pode chegar mal, põe meio litro de saliva num bilhete e entrega-o a um passageiro. Tira-Tira! (Pode seguir!) Chegamos a S. Tomé...

«Santo António!» — grita o velho funcionario.

Ninguém sai e o novo homem, chegando-se a uma senhora, diz-lhe: «O seu bilhete é só até aqui». A dama confessa que ignorava e o velho empregado, depois de alguns de discussão e da creatura pagar rovo bilhete, dá sinal para o carro seguir. E como ele vai repleto, com receio de se desequilibrar, quasi que se encavalita em cima dum passageiro.

Saíram três passageiros e entraram duas senhoras. Como são das minhas relações e para evitar ralacões pelo facto de lhes pagar os bilhetes, cumprimento-as, digo-lhes que vou felicitar um amigo por ter conseguido matar a sogra com desgostos e desco do electrico. Para não esperar 20 minutos por um outro, sigo a pé até casa!

Ora dizem, com franquesinha, se não é interessante um passeio, de carro, até á Graça?!

ROCIO

Prosa de Cha-Velho

Não ha maneira de fazer fritada de ovos sem ovos — não escrevo omlette porque é francês — e não ha maneira de fazer tourada sem touros — não escrevo corrida de touros porque a corrida de touros está para a nossa tourada como a corrida de cavalos para a cavallhada.

Ora os touros da tourada de domingo ultimo eram tudo menos touros. Mais que touros de sr. Coimbra, pareciam touros do campo de Coimbra, isto é: bois. Estavam gordinhos e eram de bom aspecto os de Coimbra, tal qual as opulentas e insonssas arrufadas de Coimbra, mas insonssos muito insonssos, para não escrever manços, muito manços.

E, assim, foi de insonssa a tourada, que verdadeiramente o não foi pela razão simple: de que sem touros nao ha tourada.

Delada... Boiada, talvez!

E agora vem aquele trecho de prosa seria que nos desculpa da falta de graça da anterior.

Acaba de me dizer o amigo Lobo, refrendado dos melhores e apoderado dos melhores toureiros, que o plano da Praça do Campo Pequeno está impossível e que não colhe a desculpa de ser por causa dos cavaleiros, uma vez que estes acham excellentes os de Espanha.

F diz o amigo D. Tomas «muitas vezes mais, entre elas a de ser deficiente a preparação da enfermaria da mesma praça para o caso duma colhida, de possível gravidade nos touros desembolados — Lagarto! Lagarto!

Nas corridas de touros de morte ainda havia uma ambulancia da Cruz Verde, agora nem isso. E tal imprevidencia pode ter consequências serias.

Isto a sério, muito a sério!

PEREZ LA CHAISE

SEM TITULO

Entre amigas — Se não estivesse tão rouca, contava-te o ultimo escandalo da Gertrudes!

— Conta-me, que eu depois te darei uma receita para gargarejos...

Na rua — Encontro-te sempre atraz das raparigas!

— Como sou um teatralista, dedico-me a perseguir as salas curtas...

Amor — Vais viajar? De Comboio?

«Não, o comboio faz-me enojar. Vou sempre pelo mar».



Nas molestias provenientes da gonorreia e nas afecções intestinaes empregue confidamente

Comprimidos de Helmitol.



Quereis dinheiro? Jogal no

Lama
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

BERTLAND IRMAO, Lda
FOTOGRAFADORES
TEL. T. 96
218A CONDESSA DO RIO
LISBOA



O que se diz e o que se não deve dizer

As corridas automobilistas de Domingo de Páscoa

Era uma vez um senhor chamado Abílio Nunes dos Santos Junior e que tinha a justa fama de ser o melhor volante da sua terra.

Não contente com ser o melhor volante, o mesmo senhor, que era tirano, tinha um Bugatti dois litros que era o mais veloz de todos os carros da sua terra.

Daqui resultavam, evidentemente, grandes poucas vergonhas.

Promovia-se uma corrida. O tirano inscrevia-se. E é claro que nem havia mesmo já necessidade de haver corrida. Porque aos outros concorrentes não restava a mínima probabilidade do primeiro grande premio.

Existia na mesma terra um outro senhor chamado Lehrfeld e que de ha muito se não conformava com aquele rosario de victorias. Já numas antigas corridas do quillometro laneado, realizadas no norte da terra, tinha havido umas turras...

Passaram uns sete anos sobre essas primeiras turras. Organizou-se mais uma corrida. O tirano mais uma vez se inscreveu. E, de repente, Lehrfeld resolveu que a tirania havia de acabar. Mas como? Pensou, pensou, pensou e acabou por encontrar a solução. O tirano corria num Bugatti dois litros. Bastava pois arranjar um Bugatti três litros. Mas os Bugatti três litros vendem-se em França. Que tinha isso? O dinheiro e o telefone não servem para outra coisa...

E, em Paris, meteu-se um Bugatti três litros num camion até á fronteira espanhola. Ai passou para um fourgon dum expresso. E assim sucessivamente, até chegar ao ponto do destino justamente na vespera da corrida.

Lehrfeld ganhou a prova. O tirano caiu. Mas palavra que a revolução deve ter saído cara...

Em todo o caso e sem deixar de aplaudir o formidável esforço desportivo de Lehrfeld, deixem-nos enviar daqui um grande abraço a Nunes dos Santos.

Porque é bonito com um velho Bugatti, que já deve ter cabelos brancos, perder assim, contra um carro pitidamente superior, por uma diferença de dois por cento — é bonito.

Nos sorteios para as provas automobilistas de domingo passado, houve um concorrente que enviou como delegado o seu chauffeur.

O facto foi estranhado, tanto mais que se tratava dum concorrente com um passado desportivo. Coisas que acontecem...

Houve quem protestasse contra

Os desafios militares

Se um tropa recebe guia
Pra qualquer parte marchar,
Receberá qualquer dia
Guia para o shoot jogar.

Um meia ponta magala
Recebe as ordens precisas
Do seu primeiro sargento
Para shootar as balas.

— Sentido! — diz o tenente
Ao guarda-redes pachola,
E este, cumprindo um dever,
Não se mexe e entra a bola.

Um half-back direito,
Soldado de artilharia,
Não shoota pra os avançados
Porque tal não diz a guia.

Um back meto uma mão,
— Penalty! — grita a artilharia,
De o back, a descuiper-se;
— Estara a fazer continencia!

Soldades, cabos, sargentos,
Com gente desse teor,
O juiz terá de ser
Pelo menos um major.

ZÉ MARIA.

Faz que anda mas não anda



Enquanto os desafios militares forem jogados com jogadores de campeonatos o «foot-ball» militar ficará sempre a marcar passo.

os treinos, no sabado, para as corridas.

Um polcia desportivo que foi interpelado por um indignado senhor limitou-se a responder:

— «Então que quere? Eu estou de serviço... mas gosto muito disto e acho que posso dar uma toleranciazinha.»

Uma senhora, nas bancadas, ao passar um conhecido motociclista com a maquina a dar voltas, atirou um lindo ramo de camelias ao chão e espantou-o, gritando:

— «Ai, o meu az!»
... e o az perdeu.

Antonio Heredia correu num Fiat modelo espinha de carapan. Aconteceu-lhe o que acontece ás vezes ás espinhas: — atravessou-se. E foi consequentemente desclassificado por ter saído fóra da sua pista apesar de ter feito uma média superior a 75 quillometros á hora. São as consequencias dos triunfos em «out-board», porque em Pedrouços não ha risco, ha só ma...risco.

Do II Quillometro de Arranque, realizado no ano passado, resultou

terem estado para se bater em duelo os srs. João Ramos e Henrique Lehrfeld.

Do III Quillometro de Arranque, realizado no domingo, resultou vencedor mais os srs. João Ramos e Henriene Lehrfeld.

Concluído os quillometros succedem-se mas não se param, evidentemente.

Triste ideia foi a de annullarem as provas como competição Porto-Lisboa.

Ninguém dei pela competição... Um dos nossos a. m. de moto, conhecido pelo Carmeiro Osorio, interpelado por uma linda senhora, disse-lhe que a sua famoca maquina tinha 3 an. s. estava pensada.

Ela respondeu-lhe que tinha velho era de e não devia estar a fazer de cansaco.

O prestigio dos anos...

Carlos Santos, o infatigável vice-presidente do A. C. P., apresentou um lindo chapet de coco tipo «limousine» que, por não ter chegado a tempo não pôde inscrever no Concurso de Elegancia, Conforto e Higiene de Acessorios.

O director da corrida, o dr. Augusto Vaz, foi de uma gentileza e de uma amabilidade tão espartanosa que não mandou prender ninguém.

O engenheiro Carmeiro Mendes deliciau o publico com alguns discursos transmitidos pelo «splendico «Audak» e enganou-se variadissimas vezes nas informações dos resultados, mas... um campeão todos téem...

O conhecido aficionado de touros e hipismo sr. Vitorino Avellar foi encarregado de vigiar um «detencheur» electrico do cronometro das corridas.

Chegou ao seu posto. Olhou para o bicho que lhes destinavam. E com a destemida serenidade que todos lhe conhecem, escurrançou-se. O bicho nem estremeceu. Deu-lhe um pouco de espasmas e nada. Puxou-lhe as redeas. E o bicho: sempre fixe.

Depois de concluidas as provas, Avellar dizia, satisfeito:

— «Eu creio que cumpri bem o meu lugar. Tive sempre o animal completamente dominado.»

Continuação da historia com que abre esta cronica:

«Consta que o tirano Abílio Nunes dos Santos Junior val encomendar um Bugatti de cinco litros — que é para obri-gar o sr. Lehrfeld a comprar outro de «olito.»

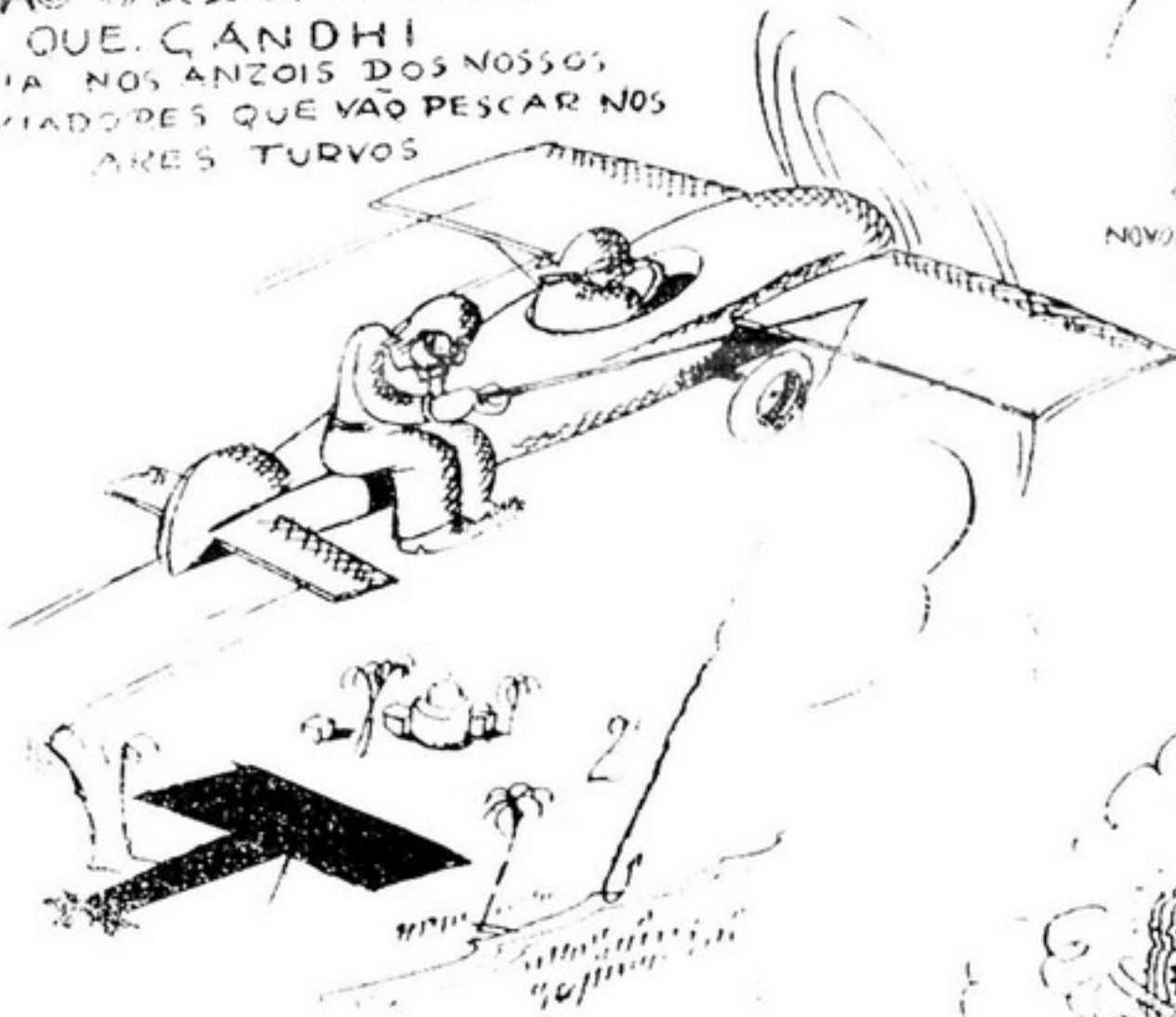
REBOLA-A-BOLA

ECOS DA SEMANA

APO'S AS INJECCOES DO DR. KEYSERLING LISBOA LANBE-SE COM UM BOM 'STOCK' DE FILOSOFOS INSTANTANEOS.



NAO TARDARA MUITO QUE C. ANDHI CAIA NOS ANZOIS DOS NOSSOS AVIADORES QUE VAO PESCAR NOS ARES TURVOS



NOS SOMOS MUITOS A VE-LO MAS ELE VE MUITO MAIS QUE NOS TODOS JUNTOS



EM BREVE

SO PARA VER O LINDO NOVO MATERIAL DOS TATAS VALE A PENA TERA CASA A ARDER



A ESPANHA

ACABA DE RECOMPENSAR O ESFORCO DE TODOS OS QUE TRABALHARAM NO PAVILHAO DE SEVILHA, COM UMA CHUVA DE MEDALHAS DE OURO...

E ACABARA' POR RECOM PENSAR TODOS OS QUE LA' FORA



LEHERFELD CHEGANDO A META, DE OLHOS ESBUCATILHADOS, ARRANJANDO MUITOS APLAUSOS.

